

Rogel Samuel

Novo manual de teoria literária

Novel
Notes



EDITORA

VOZES

Petrópolis
2002

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Samuel, Rogel

Novo manual de teoria literária / Rogel Samuel.
- Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

Bibliografia.

ISBN 85.326.2672-6

1. Teoria literária 1. Título.

01-5913

CDD-801

Índices para catálogo sistemático:

1. Teoria literária 801

Conceitos básicos da teoria literária

A teoria literária reúne uma coleção de ciências que alguns tratam por “teoria da literatura”, outros de “teoria literária”. Esta distinção existe: “teoria literária” se diz da teoria que nasce da prática literária, da obra, da leitura; e a “teoria da literatura” vê a literatura como objeto do saber.

A primeira tarefa da teoria literária consiste em saber o que é *literatura*.

A teoria literária funda um tipo de atividade intelectual chamada *crítica literária*. Muitas vezes só conhecemos a crítica, da qual se depreende a teoria. Por exemplo: os estudos de psicanálise de Freud ou a crítica da economia política de Marx, apesar de não serem literários, influenciaram nossos estudos.

Que estuda a teoria literária? Ela quer saber o que é a *literatura*? Que textos? Que tipos, que gêneros existem? Como se faz a *leitura*? Como se recebe o texto? Como interpretá-lo? Quais os interesses ocultos do seu saber?

Literário é um certo texto que possui a *literariedade*, constituída pelas metáforas, as metonímias, as so-

noridades, os ritmos, a narratividade, a descrição, os personagens, os símbolos, as ambigüidades e alegorias, os mitos e outras propriedades.

Da literatura faz parte a narrativa, o drama, o poema. Diz-se *poema* o texto escrito em versos, e *narrativa* a ficção do conto, da novela, do romance. Entende-se por *drama* o texto escrito para ser representado no palco do teatro.

Chama-se *narrativa* o processo em que determinados seres inventados (*personagens*) exercem uma certa ação (*enredo*), articulada no tempo e num ambiente.

Por *poema* conta-se um texto escrito em linhas chamadas *versos*, que deleita e comove, com métrica e ritmo, rimas e outras sonoridades, imagens ou conteúdos da imaginação, emoções de um "eu" lírico. Existe também o *poema em prosa*.

O *drama* é escrito para ser representado no palco de teatro. Pode ser uma tragédia, uma comédia e ainda "drama burguês" contemporâneo, entre outros.

Estudamos o uso de um certo sistema de signos chamado discurso literário. Questionamos a *linguagem*, ou seja, a possibilidade de dizer tudo o que é dito; e *ideologia*, ou seja, o modo de ver o mundo de acordo com os nossos interesses econômicos, de nossa classe social, nossa classe pessoal.

Fazemos uma reflexão sobre a natureza dos textos, sobre seu modo de leitura. Como interpretá-los? Recorremos à psicanálise, história, antropologia, filosofia, lingüística.

Estudamos a *estrutura* narrativa, ou seja, os elementos constitutivos e solidários inter-relacionados entre si. Aplicamo-nos à *semiologia*, que é a ciência dos signos e dos sinais. Os *signais* são fatos físicos com sentido, como um aceno da mão dizendo "adeus". Os

signos são elementos em que uma parte física, como o som de uma palavra – chamado *significante* –, possui um *significado*, um conceito social. Por exemplo: o *significante casa*, ou /Káza/, possui o significado "construção que serve para dormir, cozinhar etc."

Das mensagens (ou transmissões de sentidos), as *conotações* significam significados "segundos", contidos num significado "primeiro". Por exemplo: *ouro* significa: 1) metal amarelo de número atômico 79 utilizado em ligas (denotação); e 2) riqueza, dinheiro, valor (conotação). As denotações são significados a cujas propriedades correspondem os conceitos.

Fundamenta-se, então, a *crítica literária*. Machado de Assis, em 1865, assim definiu a crítica moderna: "a crítica diz do valor da obra literária, a procura dos sentidos íntimos, a aplicação das leis poéticas, a relação entre a imaginação e a verdade" (*O ideal do crítico*).

Em 1963 o crítico francês Roland Barthes disse: "a crítica faz a descoberta, verificação e validade dos fatos, a busca dos sentidos (que resistem e fogem), as semelhanças e diferenças, os modelos. A crítica deve tornar a obra clara, verificando sistemas e funções" (*Crítica e verdade*).

A crítica literária verifica fatos internos (personagens, estruturas), interpreta-os, verifica seu grau de verdade, seu valor e confere fatos "externos", como a sociedade, a história.

Todas as ciências da pessoa e da sociedade se mobilizam diante do poema, da narrativa, de uma peça de teatro. A ciência da literatura se constituiu, assim, em ciência moderna e cheia de variados saberes.

A literatura faz parte do produto geral do trabalho humano, da *cultura*. A *cultura* de um povo se realiza, em diversos sentidos, nas ciências e nas artes. É um

conjunto de fatos e hábitos socialmente herdados, que determina a vida dos indivíduos.

Tem-se a literatura de *cordel*, que faz parte da *cultura popular*. Não devemos separar a cultura popular da erudita.

Além, da cultura popular, existe também a *cultura de massa*. Theodor Adorno disse que a literatura deve concentrar-se naquilo que não pode ser satisfeito pela comunicação de massa. A comunicação de massa transmite o dado pronto, digerido, imediatamente constituído.

Mimese é um termo aristotélico que significa "imitação". A mimese literária faz uma "desrealização": o poeta parte, quebra, fissa a realidade para poder recriá-la utopicamente. Com isso, desmascara a realidade, que se encontra alienada. A mimese é a capacidade de fazer o mundo aparecer no texto, não o mundo das aparências naturalizadas, mas a essência do mundo.

Já *poiesis* significa produção, criação, passagem do estado de não ser para o estado de ser. A *poiesis*, para os gregos antigos, não era produção de algo a partir do nada (o que era, para eles, desconhecido), mas uma transformação de algo em alguma coisa, que assume uma forma, um aspecto novo, como uma pedra transforma-se em estátua.

Para Aristóteles, a *tekne* é uma espécie de *poiesis* com o conhecimento das razões daquilo que produz. O objetivo da *tekne* é a produção, ela sabe o porquê do que faz ou produz.

Aristóteles ilustra o vir-a-ser da *poiesis* com o exemplo do escultor que dá forma à matéria. A matéria é aquilo de que é feita a obra, e aquilo que a torna tal é a forma. Para o artista, a pedra é a plenitude das potencialidades apropriadas para a concepção da obra do escultor. A matéria se revela, para o artista, como algo

não ordenado, informe, mas apenas quando um princípio plástico e figurativo já está agindo nele.

Dentre os elementos da arte estão a mimese e o mito. O mito tem relações etimológicas com o verbo *mythizo*, discurrer, falar, refletir, pensar. Falar descreve na agir. Somente mais tarde os significados de discurrer e falar se separaram do de realidade e ação. Antes, falar e discurrer, agir e fazer, estavam ligados. Na realidade do culto, a divindade era invocada como um acontecimento dentro do âmbito do fazer. Quando o sacerdote expunha o mito da criação do mundo com seu discurso, cumpria-se novamente a criação do mundo.

Logos expressa discurso num sentido subjetivo. *Mythos* informa discurso, num sentido objetivo, de realizar aquilo que é falado. *Mythos* diz fala e realidade, isto é, coisa efetivamente criada pelo discurso. Se *epos* denota discurso no sentido de voz, se *logos* expressa discurso no sentido de compreensão, *mythos* mostra discurso no sentido do que é e será verdadeiro, não fazendo separação entre palavra e ser.

Mimese traduzia revelar, representar. A mimese da arte, para Aristóteles, era a *mimese tés práxeos*, mimese da práxis. A práxis se vê como conjunto das atividades humanas que criam a realidade. É práxis toda ação completa em si mesma, uma vez que tem sentido em si mesma, não sendo meio de alcançar outra coisa. As ações seguem uma escolha, daí serem éticas e políticas. A ética e a política têm como objetivo o *bem*, que é visado pela ação. A arte é *mimesis tés práxeos*, imitação da ação, porque as ações fazem parte da vida e porque a vida dá significado e valor às ações.

Mimese implica *catarse*, que diz da descarga emocional, nervosa, energética, que alivia ou purifica tensões. É a consequência da tensão provocada pelos elementos do texto.

A arte abala, cria um clima de tensão, transfere e liberta, ou promete libertar. A arte cria uma tensão para provocar a libertação. Ao libertar a tensão, libera a liberdade. A liberdade é o fim de toda a tensão, mas só é conseguida depois da tensão de uma crise - a liberdade é catártica, conseguida após o extremo.

Quando a literatura faz a mimese da ação humana, intensificando a percepção, distorcendo a realidade, pressiona o discurso com suas promessas de liberdade. O potencial próprio da arte reside nisso: a não-identificação com a realidade cria um impasse, cuja solução é a catarse, que é consequência da mimese. Fica fora do repertório das expectativas, ela recorre ao inesperado. Diz respeito ao efeito moral provocado pela tragédia, cujas situações de extrema intensidade trazem à tona os sentimentos de piedade, terror e revolta.